

MANIFESTAÇÕES DA UMBANDA NO SERTÃO MARANHENSE: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

Claudete Ribeiro de Aranjó¹

Resumo: A pesquisa apresenta as manifestações de umbanda existentes no sul do Maranhão, na cidade de São João dos Patos. Essas manifestações apresentam tendas de umbanda advindas de variadas tradições com suas festas religiosas, suas devoções aos santos populares, liturgias com cantos e danças do sertão em devoção aos santos, além de especificidades em torno das entidades que se manifestam na religião. A partir da história oral de vida resgata-se a formação da cidade em torno da religião, na medida em que migrantes de outros estados do nordeste foram chegando com suas famílias e trouxeram as devoções sertanejas e os santos populares como o padre Cícero do Juazeiro no Ceará e o Frei Damião de Pernambuco. São estes santos de tradição sertaneja e do catolicismo popular que vão coexistir junto com os orixás, guias e entidades das religiões africanas. Verificam-se, também, as linguagens simbólicas que permitem analisar relações sociais e a construção de estratégias de sobrevivência numa realidade de contradições e desigualdades sociais. Para dar consistência e fundamentação às informações que advêm das narrativas escritas e orais, e para buscar soluções para as questões que são levantadas a partir da investigação, escolheu-se buscar os teóricos que fundamentam a área específica e a metodologia escolhida como Severino Croatto, Lisias Negrão, Mundicarmo Ferretti e Renato Ortiz. Com este artigo discute-se como as práticas e vivências religiosas se conformaram em sua especificidade no sertão maranhense e ao mesmo tempo revela os anseios, os sonhos, as contradições, as esperanças e as frustrações dos umbandistas em suas trajetórias de vida.

Palavras-chaves: manifestações religiosas, catolicismo popular, sertão maranhense.

Introdução

Esta pesquisa nasceu da constatação de existência de práticas religiosas marginalizadas, ou, por dizer *subterrâneas*, (uma vez que o censo de 2010 traz a constatação de que não existe nenhum centro de umbanda na cidade e ninguém se declarou umbandista 2) e da curiosidade primeira em entender como essas religiões sobreviveram em ambientes como no sertão maranhense que tem suas próprias características como a ausência do Estado na formação colonial, fazendo com que o poder político fosse exercido pelos proprietários de terras aos quais se submetiam agregados e indígenas vencidos, gerando uma sociedade patriarcal onde a vontade do chefe era lei. A tradição oral e o respeito à palavra, a hospitalidade e o tempo

¹ Professora do IFMA no campus de São João dos Patos, no Maranhão. É mestra em História e Teologia, realizando parte de seus estudos na PUC de São Paulo. Fundadora da ABHR juntamente com outros pesquisadores, foi durante alguns anos coordenadora do GT Religião e Gênero. Mora há seis anos no nordeste e atualmente pesquisa as religiosidades afro-brasileiras no sertão maranhense.

fluido determinam os comportamentos e hábitos dos sertanejos ainda hoje. (Cabral,2002; Carvalho, 2011; Ribeiro, 2002; Santos, 2011).

Ao conhecer as pessoas e suas práticas religiosas silenciadas na cidade, emergiu um mundo original, onde pessoas simples, analfabetas ou semianalfabetas mantêm uma rede de relações que prioriza a amizade, o convívio familiar, as crenças religiosas e alimenta esperanças de sobrevivência, de resistência e de identidade entre elas mesmas. Parte-se aqui do conceito de identidade enquanto resultado de construções advindas das experiências dos sujeitos, do contexto e dos modelos vigentes. A identidade não é fixa, e nem é uma construção isolada. Neste sentido pode-se falar de identidade cultural e de identidade subjetiva: “dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo em que vive” (Sodré, 1999, p.34). Segundo Roger Bastide, a umbanda pode ser classificada como uma religião afro-brasileira (1985), mas não se entra no mérito desta questão, uma vez que a cultura afro-brasileira e a consciência negra não são os principais motores e idealizadores dessas religiosidades. Entretanto, a prática religiosa é denominada por seus adeptos de umbanda e têm muito em comum com outras tradições de umbanda no Brasil (Negrão, 1996; Ortiz, 1991; Concone, 1987) bem como também se distingue em algumas especificidades. Podemos afirmar que a umbanda no sertão maranhense é uma religião confeccionada por seus agentes próprios, conservados em seu âmago o calendário e imaginário religioso católico, com manifestações de entidades próprias do sertão, com algumas conexões entre os cultos maranhenses tradicionais do norte do estado e as possibilidades de inovações e modificações no encontro de tradições diferenciadas, mas próximas. Nosso estudo não se remete a teologia comparada, ou a um trabalho etnográfico de análise antropológica. Permite-se analisar no cotidiano e desafios da cidade a importância da religião com sua linguagem (ritos, danças, músicas, bebidas), suas estratégias de sobrevivência e a construção de identidades geradoras para migrantes, forasteiros e populações de tradições orais. Responde-se, assim ao apelo da professora Mundicarmo Ferreti que vê a “necessidade de se lançar um novo olhar sobre os denominados cultos sincréticos e de se pesquisar religiões afro-brasileira tradicional de outras cidades maranhenses” (Ferretti, 2012, p.295)

São João dos Patos faz parte do que se conhece por sertão maranhense juntamente com outras oito cidades, dentre delas a colonial cidade de Pastos Bons pela qual se iniciou a colonização e expansão portuguesa nos séculos XVII e XVIII, gerando a conquista e ocupação do sul do Maranhão (Cabral, 2008). Ela fica no leste maranhense ou mais propriamente dito, no sudeste do Maranhão. A cidade faz fronteira com o Rio Parnaíba, está

localizado próximo à Barragem da Usina Hidrelétrica da Boa Esperança inaugurada em 1970 pela ditadura militar e foi declarada área de segurança nacional durante as décadas de 70 e 80, com a justificativa de que era cidade de fronteira de barragem e ao mesmo tempo designada para receber a transamazônica. Está a 90 km da cidade de Floriano, quinta maior cidade do Piauí e a 256 km de Teresina. Isso faz com que a cidade se comunique diretamente com o estado vizinho. Seja para comércio, trabalho, estudos ou tratamentos médicos, a população se reporta a Floriano ou a Teresina. Afinal a capital está a 545 km da cidade e além de longe (cerca de dez a doze horas de viagem) não oferece à população do interior infraestrutura para permanecer ou ser atendido.

Atualmente possui cerca de 25 mil habitantes, destas 8 mil são analfabetas e 56% da população é pobre. Economicamente na cidade não existe políticas de trabalho. Os empregos estão na área de prestação de serviços em comércio, na construção civil e nos trabalhos domésticos. Além dos servidores públicos municipais, estaduais e federais, tem bancários e profissionais autônomos como advogados, psicólogos, dentistas, médicos, e outros. O salário médio na cidade é meio salário mínimo para as profissões ditas desqualificadas como empregadas domésticas, comerciários, pedreiros, motoristas e por isso a região enfrenta um grande êxodo urbano porque as populações, principalmente masculinas e jovens saem da cidade para outros centros de trabalho como Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Brasília. Apesar das terras férteis, do clima úmido, da existência de uma escola técnica federal e de uma universidade estadual, os governos locais não proporcionaram no passado e nem investe no presente em política de trabalho e em políticas sociais. Assim, vai se instalando um círculo vicioso na cidade de ida e vinda, e o trabalho nas lavouras do pequeno produtor vai desaparecendo aos poucos.

O tema da migração não é algo novo para a cidade, contudo, no século XX ela se deu ao contrário. A história da cidade, que foi elevada a vila no ano de 1892, revela lavradores e criadores se estabelecendo na região vindos, inicialmente, do interior do estado do Maranhão de cidades como Passagem Franca e Buriti Bravo. Na primeira metade do século XX a cidade recebeu novas populações constituídas de migrantes nordestinos vindo das regiões semiáridas do nordeste, principalmente Ceará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Pernambuco (Villa, 2000; Coelho, 2012; Ferreira, 2012). Estes migrantes vinham em busca de terra fértil para sobreviverem, uma vez que o Maranhão por sua geografia tem regiões chuvosas e férteis como na região amazônica.

Essas populações trouxeram de suas terras natais suas memórias (a roça, a comida, as expressões linguísticas) suas identidades (jeito de falar, costumes, condutas morais,

representações), suas religiosidades (como o *Padim Ciço* e frei Damião), e suas esperanças. Aqui foram se estabelecendo e se dedicando ao cultivo de algodão e arroz para os grandes fazendeiros e o cultivo de outros produtos para a subsistência familiar. Na conformação dessas populações no ambiente sertanejo e no contato com as populações já existentes, a cultura local foi se modificando, como se observa em todo fenômeno migratório: “por todo o globo, o processo das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais” (Hall, 2006, p.43). Foram esses migrantes nordestinos que criaram as primeiras tendas de umbanda na cidade na década de 30 e 40. Algumas delas já não existem mais como a tenda do seu Patrocínio, que foi embora e hoje é membro da Igreja dos Santos dos últimos Dias (mórmons) ou a tenda de dona Moça, a mãe moça, que já faleceu e que teve o *primeiro e maior terreiro da cidade*, segundo depoimentos fornecidos à pesquisa. Também teve a tenda de dona Luzia, de dona Débora e de dona Maria Teló. Seu João continua atendendo em seu casebre todos os dias no bairro do Açudinho. Não tem mais tenda, mas suas entidades se manifestam para atender os clientes. Muitos outros filhos de santos de dona Moça se *espalharam pela região*.

Estudam-se neste ensaio os ritos e as práticas de duas tendas que estão ativas no culto e atendimento à população: a tenda de São Jorge e de Nossa Senhora da Conceição. A primeira pertence a uma chefe de tenda idosa e a segunda a um jovem líder da umbanda.

1 O culto e a crença como experiência de vida nas tendas

Dona Laura tem 78 anos. Desde 1952 se encontra na cidade de São João dos Patos vinda de Juazeiro no Ceará. Segundo ela, veio por causa da seca. Acostumados ao sertão, ela e tantos outros buscaram cidades similares, com modos de sobrevivência idênticos às de suas cidades. Em sua casa atual, no Bairro Santiago, um dos bairros mais populosos e empobrecidos da cidade, dona Laura mantém seu espaço que ela chama de tenda. Sua tenda é dedicada a São Jorge e tem um altar com imagens de variados santos populares, dentre eles o padre Cícero, o divino Pai Eterno, São Francisco, Santo Expedito, Santa Edwiges, Nossa Senhora da Conceição, São Cosme e São Damião, o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora Aparecida. Todos adornados com pequenas imagens de anjos e uma imagem maior de São Miguel Arcanjo.

Ela tem suas entidades, não identificadas em imagens esculturais, mas manifestadas no culto da religião como Seu Zé Branco que é o rei do mar e a menina Joana Légua, da família dos Léguas, muito manifestada no terecô do estado do Maranhão 3.

Sua tenda tem licença para funcionar expedida pela União Espírita de Umbanda do Maranhão conforme documento expedito e exposto na parede que para que todos possam ter acesso.

Dona Laura é analfabeta, não sabe ler e nem escrever. Assim que chegou do Ceará foi iniciada na religião da umbanda por outra mulher que também veio do Ceará, a dona Moça. Dona Moça era a curandeira e parteira da cidade. “As mulheres na umbanda são benzedeiros. Na reza e na cura das ervas fizeram a religião. Ela fazia garrafadas e remédios para todos os males”, diz dona Laura. Dona Moça fez os doze partos de dona Laura. No início o marido se opôs à prática religiosa, mas no final de sua vida, na velhice, o marido já havia aderido à umbanda, recebendo, inclusive suas próprias entidades.

Dona Moça, a mãe moça, e dona Laura trabalharam muito tempo juntas. Elas davam assistência à cidade, inclusive a elite da cidade, pois iam constantemente à casa de Dona Noca 4 para atender suas necessidades. Daí acreditarem que o longo mandato da prefeita e seu poder na cidade só era possível devido à proteção das entidades: “Porque dona Moça fazia os trabalhos prá ela, ela nunca perdeu o cargo” Diz dona Laura. Isso revela o quanto homens e mulheres numa religião marginalizada ganha poderio diante de autoridades.

Dona Laura herdou a tenda e os conhecimentos deixados por sua mãe e guia, a dona Moça, cujos filhos e filhas de sangue não queriam continuar a “tradição”. O antigo salão de Dona Moça foi vendido pelos filhos.

No bairro de São Francisco mora uma liderança da umbanda: o Santinho. Ele tem 28 anos. Casado com Betânia, ele tem sete filhos, tendo o mais velho 12 anos. Nascido de uma família católica, ele morava em Pastos Bons e desde que nasceu, também, pelas mãos de sua avó parteira, a dona Sebastiana, conhecida como mãe velha, que veio de Pernambuco com sua família, ela profetizou que o menino seria dono de salão, pois ele pertencia ao mundo espiritual. Segundo ele, desde pequeno, quando ouvia o tambor tocar, ele tinha vontade de ir ao salão de dona Cassiana, uma vizinha que tinha um salão e que tocava gira toda semana. Entretanto, o pai proibia o filho de participar na religião, pois não acreditava na veracidade das manifestações lá presente. Tinha sete anos quando numa brincadeira com outros garotos, caiu na brasa de fogo que estava no centro da brincadeira. Segundo seu depoimento, era porque *estava tomado pela entidade e não viu o braseiro*. Queimou e machucou muito as pernas. Não se sabe se por causa disso, ou não, aos onze anos, começou a ter fortes dores nas pernas. Levado aos médicos, inclusive em Teresina para exames, nada foi diagnosticado. Os próprios médicos desistiram de algum tratamento encaminhando o caso para curandeiros locais. Aos poucos foi piorando e ficou sem movimento nas pernas, passando a ser carregado pelos outros numa

cadeira. Com muita insistência da mãe que temia pela vida do filho, o pai para não perder o casamento e o filho, resolveu levá-lo a dona Cassiana.

Dona Cassiana é uma mulher negra, nascida no Piauí na cidade de Jerumenha que casou-se aos doze anos e veio morar com o marido na cidade de Pastos Bons. Analfabeta, também foi parteira e benzedeira, e entrou para a religião por causa de uma doença que causava edemas, inchaços e tumores por todo o corpo. Para encontrar a cura definitiva para seus males, seguiu a sugestão do curandeiro da região e construiu uma tenda para fazer *trabalhos* de ajuda para os outros, se tornando a chefe da tenda Santa Bárbara em Pastos Bons que existe até hoje. Deve ter mais de oitenta anos, mas não revela sua idade por crença de que se souberem sua idade, fazem *feitiços* para ela que pode lhe ceifar a vida. Recebe muitas entidades, mas ela considera dono de sua *Coroa* o rei Areolino. Ele é uma entidade curativa e por isso muitos a procuram para remédios, curas e tratamentos de doenças.

Apesar de sua visibilidade de cor negra, não se reconhece como filha ou descendente de escravos. Interrogada pro sua ascendência, tanto ela como suas filhas, que são todas negras com cor de pele bastante acentuada dizem: “Nós não somos negros não. Somos, assim, morenas. E também não somos filhos de escravos negros”. Para justificar sua tese, dona Cassiana diz que sua mãe era branquinha e que ficou assim *moreninha* por causa do pai que era moreno. É muito comum nesta região as pessoas terem vergonha e negar sua etnia, sua história e sua cor de pele. Seja pela posição em que se encontra numa sociedade onde as pessoas já tem seu papel hierarquicamente estabelecido, seja pela perseguição e depreciação que foram impostas a estas pessoas no passado. O sertanejo sonha em mudar de casa, de cor de pele, em ter ascensão social e disputar um extrato melhor na sociedade. A sociedade de fidalguia e aparência calcada na América portuguesa ainda é muito forte na cultura e costumes de cidades que ficaram isoladas por tanto tempo (Araujo, 1997)

Foi dona Cassiana que permitiu a cura de Santinho com os banhos de ervas e com as giras, na medida em que foi possuído pelas entidades. “Lá o orixá *baixou* e me fez levantar, dançar e voltar a andar”. Novamente Mundicarmo Ferreti ajuda a entender essa relação entre saúde e religião, mostrando como a cura é vista por fatores mágicos. (Ferretti, 2003, p.1).

Nada foi cobrado pelo trabalho, pois a dona da tenda não queria o dinheiro do *orgulhoso vizinho* que não acreditava em sua capacidade curativa. Após isso, Santinho ficou bom e voltou para casa, mas continuou sem permissão dos pais para frequentar o salão de dona Cassiana. Segundo ele, toda vez que o tambor começava a tocar, ele era tomado por uma vontade incontrolável de ir a gira. Perdeu a conta de quantas vezes fugiu de casa para assistir aos cultos dos orixás: “era taca no salão pelos guias e depois taca em casa pelo pai”, diz ele.

Deste momento em diante, Santinho nunca mais deixou a umbanda. Foi, mais tarde, batizado na tradição da agora sua *mãe de santo* que é a tradição do Ramo Verde, a tradição da umbanda que segundo ele, faz caridade. Por causa disso, Santinho abandonou a escola ainda muito menino.

Também, Santinho, tem em sua casa, um espaço dedicado aos trabalhos de umbanda. Sua tenda se chama Nossa Senhora da Conceição. Nela tem um altar cheio de imagens de santo: Santo Antônio com o menino Jesus, São Francisco e Santa Clara, o padre Cícero, o Sagrado Coração de Jesus, Jesus no flagelo, São Jorge, o divino pai eterno, o divino Espírito Santo, uma imagem grande do Frei Damião e Nossa Senhora da Conceição, ainda de madeira. Parece uma imagem bem antiga. Além do altar, as paredes estão ornadas com quadros de imagens de santos: Santa Luzia, Sagrado Coração de Maria, Jesus Crucificado, a sagrada família fugindo para o Egito, seu Antonio Légua (uma foto tirada da internet), São Miguel Arcanjo, Santa Bárbara, São Jorge, Santo Antônio, o Divino Espírito Santo e um quadro do próprio Santinho representado em sua entidade, o seu Antonio Légua 5. Santinho vive hoje de atendimento às pessoas. Aliás, os donos de tendas que ainda mantém ativos seus salões, sobrevivem economicamente da religião, fazendo trabalhos, desfazendo feitiços, fazendo atendimento a clientes, profetizando futuros, curando doenças. Quando o trabalho feito tem ação de entidades ditas como *boas*, considera-se que se fez um trabalho de caridade como prega o Ramo Verde. Contudo, se o trabalho exigir a presença de Exu ou de pomba gira, diz-se de trabalhos pesados, que santinho só faz depois da meia noite e que ele chama de *trabalhos de quimbanda*.

No centro do salão, a guna, que representa a força dos orixás e do mundo espiritual: “É, em torno da guna que os iniciados dançam no início e durante o ritual no qual “descem” as entidades espirituais” (Tavares, 2008). Todo culto acontece em volta da guna. Todos que desejarem, homens e mulheres, adultos e crianças podem dançar e rodar ao redor da guna. O que se conhece como médium nada tem a ver com o conceito atribuído pela religião espírita para mediunidade. O médium é um canal que recebe as entidades e que as coloca em terra porque é uma obrigação fazer isso. “Quem não faz, recebe taca na certa, e se faz, recebe taca do mesmo jeito” diz Santinho ao se referir que a religião é entendida como uma grande *cobrança* por parte do mundo espiritual. E quem tem o dom e o chamado tem que responder, senão é castigado. Nem todo médium é *firmado no santo*. Para ser firmado no santo é preciso que o guia do próprio médium exija o corpo dele e que ele queira fazer parte da tenda em questão. Então ele recebe o Boti. O Boti corresponde ao batismo católico. As mãos do pai de santo é imposta na cabeça do médium e é feita uma reza sobre ele. Após isso, ele passa a fazer

parte oficialmente dos filhos da casa e seus outros guias, aos poucos, vão se manifestar. Um médium pode ter várias entidades ou guias.

Não existe nesta casa e nem nas demais na região um culto específico para receber apenas uma falange de guias. As tendas são, segundo ele, todas *cruzadas*, isto é, qualquer entidade pode se manifestar na guna e na dança de roda. Assim, pode-se ter caboclos, pretos velhos, boiadeiros todos vindos ao mesmo tempo. A única exceção são para os guias da *esquerda* que só devem aparecer quando invocados em cultos próprios após a meia noite. Nestes cultos de madrugada, além dos exus podem se manifestar espíritos de mortos que estão soltos na terra e que precisam de ajuda. Nestes momentos há muita descontração, muita bebida, muita dança e muita gritaria. Santinho tem as duas linhas. Na linha da *caridade* ele recebe o vaqueiro Antonio Légua. Ele é dono de sua *coroa e* é ele que permite a vinda de um ou de outro guia. Também gosta muito de beber. Recebe ainda o caboclo das matas. Na linha da *quimbanda*, está com ele a rainha Rosa, que é uma pomba gira da linha dos ciganos. Ela faz trabalhos de amor, de feitiços, desfaz perseguições, resolve problemas difíceis.

Santinho, por ser mais jovem, fez a aventura de morar em Codó por três anos. Perguntado sobre as diferenças de culto, ele diz que “aqui no sertão nós mantemos as tradições mais velhas. Lá em Codó é bonito, mas é diferente” Uma dessas diferenças consiste na abertura do culto. Em Codó, ao abrir a gira se invoca os orixás, como se faz, também, na umbanda no sudeste. Em São João dos Patos, há o que se chama de abertura de mesa, que consiste nas orações dos benditos ao redor da guna. Ajoelhados e com a cabeça baixa, rezam os benditos invocando os santos protetores. Somente após isso é que toca o tambor e começa a dança ao redor da guna. Essa tradição segundo ele é porque “os antigos” iam na mata e ao redor de uma árvore conhecida na região por Ramo Verde se ajoelhavam e invocavam os caboclos da mata e os santos protetores. Aos poucos as entidades desciam e se aproximavam do corpo do médium. Cada corpo incorporado tem a força do ramo verde. A tradição permaneceu, mas saiu das matas, raramente vai às matas hoje. As entidades migraram para a cidade.

2 Os santos e as entidades como sobrevivência de identidade

Dia 08 de dezembro é dia de Nossa Senhora da Conceição no calendário religioso católico. Na cidade a paróquia não organiza festa alguma, mas a umbanda diferentemente faz uma procissão pelas ruas levando em um andor a imagem de Nossa Senhora da Conceição, uma imagem de madeira muito antiga, ladeada de flores. A frente uma comissão com bandeiras da tenda de Nossa Senhora da Conceição. Além da imagem, cantam-se os benditos

e as orações do Pai Nosso e da Ave Maria em todo o trajeto. Homens, mulheres e crianças mostram reverência ao sagrado até chegar ao local da festa. No ano passado foi o ginásio poliesportivo da cidade que já esperava a imagem num local preparado especialmente para ela. Lá estava também a população da cidade, bem como muita comida e bebida para os convidados. As mulheres fizeram um mutirão para deixar as comidas prontas. O chefe da tenda providencia os insumos para a alimentação: “é uma obrigação do filho para com o santo” diz Santinho.

Se há um lugar onde as festas católicas religiosas foram conservadas, esse lugar é a umbanda. Trata-se de um catolicismo tradicional, festeiro e santeiro. (Azzi, 1978). O fato de sertanejos terem se estabelecidos numa nova terra, como outros costumes e se sentindo estranhos, fizeram com que as devoções da família e da terra servissem de estratégias para ressignificar suas vidas no novo ambiente. Isso é perfeitamente possível num cenário de catolicismo popular no qual o nordeste se insere desde a colonização e essas tradições deram alento e renovaram esperanças em dias melhores.

No Maranhão, com as chuvas veio a certeza de abundância de alimentos e com a posse da terra a sobrevivência dos roçados, e nisso tudo a religiosidade converteu-se em fator de “promoção social” e de expectativa de uma sedentarização em outras condições. A religiosidade católica é permitida e aceita pela sociedade local e diminui as possibilidades de intransigência social. Curar e proteger as pessoas através de rezas em fórmulas, fazer partos associados com a oração, rezar para o santo resolver algum problema difícil é algo de fácil entendimento para as pessoas. Dizer que é pai de santo, que tem orixás, que tem exus amedronta as pessoas que tem nelas os mitos tão propagados pelos antigos senhores de escravos luso brasileiros. Se você chega na cidade e procura um salão de umbanda ou um pai de santo, todos dirão que não existe isso na cidade, mas se você procura uma benzedeira, todos vão lhe indicar uma, e se você precisa de uma reza mais brava porque o caso é mais sério, todos vão lhe indicar um “homem ou mulher que entende dessas coisas”. Assim, a religião é tolerada, procurada, e segue sendo necessária, mas para além das aparências, *ela não existe*. Santinho diz que os evangélicos e homens ricos da cidade o procuram na calada da noite, pois não podem ser vistos pelas pessoas. Dona Laura diz que as mulheres são as que mais procuram a umbanda para “pedir homens casados”. Desejam que as lideranças religiosas façam “trabalhos” para separar esses homens casados de suas esposas. Mas tudo tem que seguir em segredo porque “ninguém pode saber”. Esse é outro motivo para que a religião permaneça no anonimato numa cidade tão pequena onde todos *se conhecem*.

Na cultura popular, corpo e espírito não se separam e nem é desligado o ser humano da natureza, do cosmo e da religião. Para todos os males que atingem o corpo e a alma do ser humano sempre há uma reza para curar seguida ou não de alguma oferenda que conecte esse ser humano a sua original natureza. O mal e o bem andam juntos e as pessoas acreditam no poder dessas rezadeiras e no poder dessas entidades sobrenaturais tão humanas na incorporação do corpo e da mente.

Também nenhuma casa de umbanda tem identificação pública e à vista na cidade, pois preferem estar na clandestinidade, seja para manter o sigilo de seus clientes, seja por causa da tradição oral. A umbanda é mantida dentro das tradições orais que variam de casa para casa e cada participante vai descobrindo na prática e na sua experiência religiosa os ritos da tradição, ou como eles chamam aqui, a doutrina.

Geralmente o espaço da tenda é extensão da moradia da liderança. Os trabalhos acontecem segundo as possibilidades do dono do salão. Geralmente seguem o calendário católico tradicional. Nossa Senhora da Conceição não é a única santa a ser venerada. Todas as festas e giras da umbanda acontece em torno destas religiosidades. Comemoram o dia de Santa Rita, Santa Luzia, Santa Bárbara, Nossa Senhora Aparecida, São Jerônimo, São José, São Jorge, São Francisco, São Cosme e São Damião, dentre outras. A semana santa também tem rito próprio na umbanda, desde a sexta feira quando se faz a sentinela até os toques de tambor para comemorar a ressurreição de Cristo. É uma devoção própria, dentro da compreensão, necessidade e ressignificação de sentidos dos sertanejos.

Não é o caso aqui de discutir se tem nestas manifestações sincretismo ou ecletismo (Ferretti, 1995). Admite-se que há arranjos nos códigos religiosos como afirma Ordep Serra: “deve-se admitir a possibilidade de diversos tipos de arranjos no contato frutífero entre distintas práticas e distintos códigos religiosos (1995,p.199). Também concorda-se com autores que afirmam que não existe religião pura, tampouco religiões africanas puras ou mesmo cristianismo puro (Boff, 1981; Ferreti, 1995)

Nos últimos três anos, as tendas e os médiuns tem se reunido para organizar e participar das festas. Assim, dividem as tarefas, não fica pesado economicamente e o momento é de muita solidariedade, cumplicidade e unidade. Desta forma, no dia de Santa Bárbara no dia 04 de novembro todas as tendas das cidades do sertão vão para Pastos Bons comemorar o dia da santa com a tenda de dona Cassiana. A ela cabe receber os convidados, preparar a festa, enfeitar o salão, coordenar os trabalhos. No dia de São Francisco, todos se reúnem na tenda de São Francisco, da dona Raimundinha em Paraibano. No dia de Santa Luzia, todos vão para Colinas; no dia de São José vão para Floriano no terreiro de candomblé

do Pai de Santo Pereira e assim por diante. Isso nos desafia a ampliar esta pesquisa para além das fronteiras de São João dos Patos, pois a umbanda não tem limites geográficos.

As vestes dos médiuns na gira não tem um padrão único. Mulheres usam roupas coloridas de acordo com seu poder aquisitivo e seu capricho, mas atribuem que quem as dirige para a cor e os modelos das roupas são as entidades. Daí a grande variedade de tons e tecidos. Os homens geralmente mais simples usam roupas brancas ou camisetas, ou muitos tocadores tiram a camisa por causa do calor e do suor. A dança consiste em uma roda contínua sem parar até que a entidade apareça na incorporação. Diferente dos centros de umbanda do sudeste (Negrão, 1996), essas tendas não fazem atendimento nos cultos. Os médiuns dançam, bebem, cantam, cumprimenta as pessoas no salão, mas não há atendimento ou benzeduras. Eles definem tudo como brincadeira.

Todos são convidados. É comum ver pessoas chegando no meio do culto, vindo de bares, bêbadas e se colocarem na roda ou irem tocar os tambores. Para a religião não há exclusão. Também existem jovens homossexuais que encontram na religião possibilidades de se *divertirem*, rezarem, serem escolhidos e não serem vilipendiados como são cotidianamente acontece nos demais espaços sociais.

Toda essa relação com a entidade vai forjando identidades, uma vez que certa individualidade e originalidade emergem da relação com a entidade. Essa relação é individual, inda que aconteça num espaço coletivo: “A partir de material simbólico consagrado, vão-se compondo e integrando médium e “entidade”. Ambos “evoluem” juntos” (Bairrão, 2002, p.59). Nestas cidades sertanejas a coesão social é muito forte através da conservação de tradições, comportamento morais sociais e familiar. A máxima é conservar e não modificar os elementos já predefinidos e preestabelecidos na tradição cultural patriarcal. O fato de ter a tradição e a ênfase na comunicação oral prepara os elementos sociais para a repetição. Aprende-se na medida em que se repete, porque o que interessa é a homogeneidade e não a diversidade. Então, quando umbandistas entram na gira e começam a dançar e suas entidades se manifestam, podem falar, dizer coisas, fazer gestos, manifestar sentimentos, beber, cantar, serem elas mesmas sem interferência. Perdem a vergonha, a culpa, aumentam a autoestima, ensaiam pequenos protagonismos deles mesmos.

Neste sentido, a religião se torna um processo terapêutico e pedagógico para aqueles que desejam separar-se dos fortes condicionamentos sociais impostos pela sociedade. Em se tratando de pessoas empobrecidas, isso explica em parte porque a religião continua sendo procurada e os efeitos que trazem na vida de cada um.

Considerações finais

No dia 13 de maio acontece o toque do tambor em todas as casas das cidades do sertão. É uma tradição antiga. Dizem que neste dia a princesa Isabel aboliu a escravidão negra no Brasil e por isso os pretos velhos ficaram muito felizes e pegaram tambores e começaram a tocar e a dançar. Mediante essa compreensão, as tendas de umbanda que podem, chamam os pretos velhos para virem à terra para comemorarem com os vivos essa data significativa. O fato de terem essa memória revela a influência de negros forros na região após a libertação dos escravos. Sabemos que nesta região, muitos ex-escravos foram morar na região e formaram bairros de negros. O mesmo aconteceu em muitos lugares do Brasil. Esse povo negro e empobrecido vivia à margem da sociedade, mas prestando serviços nas casas dos não negros. Talvez essa tradição tenha sobrevivido ao tempo como memória que revive hoje nas novas gerações e foi conservada nestes centros religiosos.

Neste caso, podemos afirmar que fragmentos de uma unidade étnica foram de alguma forma preservada nos elementos religiosos. Perguntado sobre isso, Santinho limitou-se a dizer que é a mesma coisa. Quando se reza para Santa Bárbara, se reza para Iansã e assim por diante. Mas interrogado por essas classificações, ele não sabia dizer quais os santos correspondem aos orixás. Parece que isso não tem importância para eles. A relação do sertanejo com o santo é muito profunda. O santo protege, ordena, cura, aconselha, promove mudanças climáticas, como a chuva e os ventos fornecem alimentos em abundância, gera emprego quando dele se necessita, abençoa a criança que nasce, junta os casais e os separa também, enfim, acompanha o sertanejo na sua sobrevivência e na satisfação de seus desejos. Daí as orações aos santos, as procissões, as promessas, as festas, os benzimentos.

Isso dá à umbanda uma força extraordinária. É uma crença no impossível que alimenta uma religião subterrânea e faz com que ela não desapareça. Ela é capaz de destruir o mal que incomoda ou que acomete mentes e corpos, consertar os caminhos entendidos como *errados*, mexer com a decisão e vontade das pessoas, restaurar a saúde dos desenganados pela medicina oficial e tradicional, satisfazer os desejos mais difíceis de serem satisfeitos, trazer esquecimento e paixão para as pessoas etc. A *mistura* que existe hoje entre essas tradições sertanejas da umbanda com os orixás, com as práticas das benzedadeiras, com a conservação dos rituais católicos faz dessas manifestações uma riqueza patrimonial nesta região.

Notas

2<http://www.cidades.ibgeciudadescidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=211110&cidtema=16&se arch=maranhao|sao-joao-dos-patos|sintese-das-informacoes>

3 No Maranhão tem várias manifestações do que é conhecido como Terecô. São religiões com culto nas matas e com entidades que se manifestam através de possessões. Codó é a principal cidade de terreiros onde se toca o Terecô, que aos poucos se tornou a “religião tradicional da cidade e vem das fazendas onde os escravos trabalhavam”. (Martina, 2013)

4 Joana da Rocha Santos, conhecida como dona Noca, nasceu em 18 de dezembro de 1892 e morreu em seis de abril de 1970. Foi prefeita da cidade entre os anos de 1934 e 1961, sendo interrompida no mandato de 1951 a 1955. Foi a primeira prefeita maranhense e a única no Brasil a governar por 23 anos uma prefeitura. Teve grande impacto na cidade no nível econômico e político.

5 Muito se tem estudado a família dos Legua no Maranhão que são encantados no Maranhão e no Piauí. Légua-Bojié um dos mais velhos encantados do Terecô. É também conhecido como Légua-Boji-Buá e Légua-Boji da Trindade. Seu nome está ligado às memórias do tempo da escravidão como protetor dos escravos e seu defensor nas “demandas” com os senhores. É o chefe de uma grande família de encantados. Dizem que tem mais de trezentos filhos. Aparece na forma de um vaqueiro, recebendo seu chapéu de palha, sua capa e sua garrafa de cachaça. (Tavares,2008; Ferretti, 2008; Ahlert, 2013)

Referências bibliográficas

AHLERT, Martina. Cidade relicário: Uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). Tese (Doutorado em Antropologia Social), UNB, Brasília, 2013.

ARAUJO, Emanuel. O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. Brasília: UNB, 1997.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1978

BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Subterrâneos da Submissão: Sentidos do Mal no Imaginário Umbandista. Revista eletrônica Memorandum: memória e história em psicologia, n.2, p. 55-67. Disponível em World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos02/bairrao01.htm>. Acesso em 04/04/15.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1985.

BOFF, Leonardo. *Igreja carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. São Luís: Edições SECMA, 1992.

CARREIRO, Gamaliel S; SANTOS, Lyndon A; FERRETTI, Sérgio F (org). *Missa, culto e tambor: os espaços das religiões no Brasil*. São Luís, EDUFMA/FAPEMA, 2012

CARVALHO, Carlota. *O sertão: subsídios para história e geografia no Brasil*. Teresina: EDUFPI, 2011.

COELHO, Tiago da Silva. *Migração nordestina no Brasil varguista: diferentes olhares sobre a trajetória dos retirantes*. Dissertação (Mestrado em História), PUCRS, Porto alegre, 2012.

CONCONE, Maria Helena Villa Boas. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: CER/FFLCH, 1987.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. Memória dividida: historiografia da migração de nordestinos e narrativas orais de migrantes nordestinos no Médio Mearim. In: XI Encontro Nacional de História Oral, 2012, Rio de Janeiro. Anais do XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, democracia e justiça, 2012.

FERRETTI, Mundicarmo M. R. Religiões Afro-Brasileiras Saúde: diversidade e semelhanças. In: Silva, José Marmo da Religiões afro-brasileiras e saúde. São Luís: CCN-MA, 2003.

FERRETTI, Mundicarmo M. R, Encantados e encantarias no folclore brasileiro. VI Seminário de Ações Integradas em Folclore. São Paulo, 2008.

FERRETTI, Mundicarmo. Religiões afro-brasileiras: terecô, tambor da mata e encantaria de Barba Soeira. In: CARREIRO, Gamaliel S; SANTOS, Lyndon A; FERRETTI, Sérgio F (org). Missa, culto e tambor: os espaços das religiões no Brasil. São Luís, EDUFMA/FAPEMA, 2012

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Repensando o sincretismo. São Luís: FAPEMA, 1985.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista. São Paulo: EDUSP, 1996.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Petrópolis: Vozes, 1978.

RIBEIRO, Francisco de Paula. *Memórias dos sertões maranhenses*. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.

SANTOS, Raimundo Lima. O sertão inventado: a percepção dos sertões maranhenses pelo olhar de Francisco de Paula Ribeiro. Revista de História Regional 16, vol.1, Verão, 2011, p. 209-234.

SERRA, Ordep. Água do rei. Petrópolis: Vozes, 1995.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros. Petrópolis: Vozes, 1999.

TAVARES, Dailme Maria da Silva. A Capela e o Terreiro na Chapada: Devoção Mariana e Encantaria de Barba Soeira no Quilombo Mimbó, Piauí. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UNESP, Marília, 2008.

VILLA, Marco Antonio. Vida e morte no sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática. 2000.